

París-Brasília: racionalismo cartesiano e formas sinuosas em Milton Hatoum

Paris-Brasilia: Cartesian rationalism and sinuous forms in Milton Hatoum

París-Brasília: racionalismo cartesiano y formas sinuosas en Milton Hatoum

Albert von Brunn – Zentralbibliothek | Suíça | E-mail: albert.vonbrunn@gmx.ch | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4328-8687>

Resumo: Este trabalho faz parte de uma pesquisa sobre o autor brasileiro Milton Hatoum, cujos últimos dois romances têm como protagonista Martim, um jovem estudante de arquitetura, confrontado com a nova capital Brasília, construída no meio de um descampado com a ditadura militar (1964-1985) como pano de fundo, tudo isto em comparação com Paris, o centro de atração tradicional para os intelectuais brasileiros do século XIX.

Palavras-chave: Hatoum, Milton; Brasília - Paris.

Abstract: This paper is part of an investigation about the Brazilian writer Milton Hatoum, focused on his last two novels dealing with Martim, a young student doing architecture in the new capital Brasília, built from scratch against the background of the military dictatorship (1964-1985), in comparison with Paris, the traditional center of attraction for Brazilian intellectuals of the 19th century.

Keywords: Hatoum, Milton; Brasília - Paris.

Resumen: Este trabajo forma parte de una investigación sobre el autor brasileño Milton Hatoum, cuyas últimas dos novelas tienen como protagonista a Martim, un joven estudiante de arquitectura confrontado con la nueva capital Brasília, levantada en medio de un descampado con un trasfondo de dictadura militar (1964-1985), todo esto en comparación con París, el centro de atracción tradicional para los intelectuales brasileños del siglo XIX.

Palabras-clave: Hatoum, Milton; Brasília - París.

Recebido em: 25 de março de 2022.

Aprovado em: 10 de agosto de 2022.

Introdução

“Não digo que o espírito brasileiro possua uma inquebrantável formação cartesiana em seu desenvolvimento linguístico e histórico” (BENSE, 2009, p. 9) e o mesmo o filósofo alemão no seu ensaio sobre a Inteligência brasileira continua: “Digo apenas que no extenso planalto de Goiás, onde se demarcou o Distrito Federal, há uma incontestável proclamação brasileira de inteligência cartesiana” (BENSE, 2009, p. 20). Max Bense (1910-1990) desembarcou no Brasil pela primeira vez em outubro de 1961, convidado pelo Itamaraty. Dentre as cidades que visitou, duas o fascinaram: Rio de Janeiro e Brasília. Após a última viagem, feita em 1964, o filósofo alemão conclui: “O desperdício é uma categoria tropical” (BENSE, 2009, p. 91)

Milton Hatoum é filho de Manaus, uma das cidades mais extraordinárias da América Latina, fruto do ciclo da borracha, com um monumento exemplar, o Teatro Amazonas. Como a maioria dos edifícios públicos brasileiros do século XIX, seu exterior é simples, austero. O teatro é talhado na pedra com colunas de mármore italiano. O interior é completamente diferente, um luxo de cores e formas, somente superado pela exuberância da cúpula: “Das grandes obras arquitetônicas construídas nesse período, o Teatro Amazonas é a mais ostentosa. É, realmente, um teatro de Grande Capital que emite sinais de luxo e de requinte” (HATOUM, 2006, p. 65).

O plafond do Salão Nobre, pintado por Domenico de Angelis e sua equipe de artistas italianos, ilustra a glorificação das belas-artes na Amazônia, mas nas paredes desse luxuosíssimo ambiente, as pinturas aludem à fauna e à flora amazônicas, e às personagens indígenas de José de Alencar. (HATOUM, 2006, p. 66).

Espírito cartesiano e formas sinuosas unidas na harmonia perfeita de um teatro – eis a síntese original que marca profundamente o escritor e arquiteto Milton Hatoum.

Paris: uma cidade sonhada desde a periferia

Albano pretendia começar sua vida de poeta em Paris, e Zéfiro, muito mais velho, nunca ia terminá-la: julgava-se um poeta imortal. Gostava de ser chamado L'Immortel, um apelido cunhado em 1969, quando o governo militar interrompeu a carreira de Zéfiro no magistério público. (HATOUM, 2009, p. 37).

Albano, o jovem de família rica a caminho de Paris e o velho Zéfiro, de volta de tudo, personificam duas fases do entusiasmo pela capital francesa – a euforia juvenil e a resignação senil. Após uma comida de despedida, o conto acaba com a descrição da modesta morada do ex-professor de francês, cujos “olhos vermelhos e aguados fixaram-se no mapa da cidade que sempre sonhou conhecer” (HATOUM, 2009, p. 43).

Durante mais de dois séculos, conforme Weis (2003, p. 1), Paris ocupara um lugar único no mapa cultural latino-americano. No início brilhava como uma estrela no horizonte e servia como guia e fonte de inspiração para as recém-fundadas nações do Novo Mundo. Mais tarde, quando se transformou na grande capital das artes e das letras, Paris chegou a ser uma segunda pátria para sucessivas gerações de escritores latino-americanos que empreenderam a viagem e lá se estabeleceram durante anos e, às vezes, até o fim da vida.

Conforme consta em Ainsa (2017), a meca que era preciso visitar e conhecer pelo menos uma vez na vida para ser reconhecido como escritor e respeitado na pátria, Paris passou nos anos setenta a ser terra de asilo político e refúgio para os intelectuais perseguidos pelas ditaduras que assolavam o continente. Estes exiliados já não moravam nos alegres

sótãos do Bairro Latino, e sim nas periferias empobrecidas, muito longe dos centros culturais prestigiosos. Assim, Paris virou a ser como Londres ou Nova Iorque um labirinto de passagens subterrâneas e galerias secretas entre cidades de hemisférios distintos e entre comunidades de diferentes origens.

Durante o século XIX até a Primeira Guerra Mundial, a França desempenhava o papel de uma força protetora na América do Sul, e Napoleão III se via como o monarca tutelar para todas as nações latinas. Depois do Tratado de San Remo (1920), a Grande Nation apossou-se da proteção consular e diplomática para todos os imigrantes siro-libaneses. Conforme Brégain (2008), estes nutriam sentimentos ambivalentes em relação à França: adoravam a língua e a cultura francesas, mas o protetorado francês no Oriente Médio era um obstáculo ao movimento de independência da Síria e do Líbano.

No romance mais conhecido de Milton Hatoum, *Dois irmãos* (HATOUM, 2008), quem personifica esse estatuto um tanto ambíguo da cultura francesa, é o professor Antenor Laval, definido pelo escritor como um excêntrico, um dândi deslocado na província recitador de simbolistas, e ainda como palhaço da sua própria excentricidade. O assassinato de Laval representa o fim de uma era e o rompimento do Brasil com a cultura europeia.

Nos dois últimos romances de Milton Hatoum que fazem parte da trilogia *O lugar mais sombrio*, *Martim*, o protagonista de uma época de ditadura e exílio, vive muito longe dos centros prestigiosos, em sótãos empobrecidos da periferia de Paris, no bairro La Goutte d'Or, que segundo AINSA (2017), com seu mercadinho africano e seus conflitos sociais onde se misturam desterrados de diferentes origens, sob a orientação discreta,

mas onipresente da diplomacia cubana que financia os precários meios de comunicação da comunidade. Para os exilados, a cidade-luz perdeu todo brilho, continua como tema literário, mas sem a magia e o fascínio de outras épocas, onde o protagonista tem como único propósito achar um cantinho para morar. Paris deixou de ser uma atração para visitar, recorrer e explorar, agora é preciso trabalhar para sobreviver. Nas palavras de Hatoum (2013, p. 33): “Tantos anos depois, Paris parece tão distante, e agora surge sem nostalgia na minha memória” [...] “Nada disso restou? Mas alguma coisa sempre sobrevive na memória”.

Brasília: um sonho tropical da modernidade

Desde a remodelação de Tenochtitlan, após sua destruição por Hernán Cortés, em 1521, até a inauguração em 1960 do mais fabuloso sonho de cidade de que foram capazes os americanos, a Brasília de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, a cidade latino-americana foi sendo basicamente um produto da inteligência, pois se inscreveu em um ciclo da cultura universal em que a cidade passou a ser o sonho de uma ordem e encontrou nas terras do Novo Mundo o único lugar propício para se materializar. (RAMA, 2015, p. 17).

A viagem rumo a Brasília, conforme Holston (1993), é uma jornada de separação entre o Brasil tradicional e o Brasil moderno construído no Planalto Central, entre as praças mineiras com suas feiras e os espaços vazios do interior. O cerrado é terra de visionários e, entre eles, o italiano João Bosco que vislumbrou o lugar da cidade, 75 anos antes de sua construção. A ideia de transferir a capital para o centro geográfico do país obteve forma legal com a Constituição republicana de 1891 para ser realizada apenas no século XX, durante a presidência de Juscelino Kubitschek (1902-1998). JK inaugurou a nova capital no dia 21 de abril de 1960 com uma primeira missa. Os elementos estruturais básicos – o cruzamento de dos eixos, dois terraplenos e uma plataforma – visavam a

criar uma sociedade modernizada. Mas foi uma sociedade inteiramente diferente que a construiu e a ocupou o que levou a uma profunda desorientação. Martim, o protagonista dos dois últimos romances de Milton Hatoum, é catapultado para a nova capital após a separação de seus pais e sofre uma ruptura radical. “Brasília é uma cidade para quem tem asas ou pode voar”, escreve na primeira carta à mãe ausente. “Os bairros e avenidas têm siglas e números, me perdi no primeiro passeio pelas superquadras da Asa Sul, parecia que estava no mesmo lugar, olhando os mesmos edifícios. São bonitos, cercados por um gramado que cresce no barro; essa beleza repetida também me confundiu.” (HATOUM, 2017, p. 28).

Martim, jovem estudante de arquitetura traumatizado pela perda da mãe, é levado pelo pai à nova capital em fase de construção. Na recém-fundada Universidade de Brasília ele vai fazer parte de um grupo de teatro que funda uma revista, chamada Tribo, fadada ao fracasso durante a fase mais repressiva do regime militar após o AI-5. Enquanto seus amigos são jogados na prisão, Martim consegue escapar para São Paulo.

Ao passo que na Noite da espera predomina o ponto de vista do protagonista que descreve suas impressões de Brasília, o convívio com o grupo de teatro até a fuga final, na segunda parte – Pontos de fuga – Martim vira testigo e cronista incansável de uma educação sentimental que acaba no exílio em Paris. Martim faz parte de uma república de estudantes, a Casa da Fidalga, uma espécie de microcosmo da sociedade brasileira sob a capa de chumbo do regime militar. Os jovens estudantes de arquitetura, confrontados com uma repressão cada dia mais violenta, empreendem um exame de consciência que desemboca num grande debate sobre Brasília: Sérgio San, descendente de imigrantes japoneses, defende o projeto com veemência. “Em 1957, Lúcio Costa e Niemeyer não

podiam prever o golpe de 64 [...]. Brasília foi a nossa última utopia realizada, antes do toque militar de recolher” (HATOUM, 2019, p. 192). Seu adversário Osvaldo Xavier, filho de fazendeiros paulistas, contra-ataca (HATOUM, 2019, p. 68):

Olhe o exemplo de Brasília, cara. A racionalidade elevada à máxima potência, à loucura da ordem geométrica, ornada com alguns belos edifícios esculturais. Uma mistura disparatada do racionalismo cartesiano com formas sinuosas.

Ox, o líder espiritual da Casa da Fidalga faz suas as teses de Max Bense e aponta ao mesmo tempo para a origem europeia do Plano Piloto, La Ville Radieuse (1930) de Le Corbusier. Segundo Botton (2007), o arquiteto francês previa para o centro histórico de Paris cruzamentos de vias expressas e torres de moradia de aparência e altura uniformes com parques de gramado.

Antes de virar realidade, segundo Beal (2013), Brasília existia como promessa, a promessa de uma nova capital para uma sociedade moderna que deveria ultrapassar definitivamente o lastre colonial de escravidão, dependência e desordens sociais. A nova capital teve pleno êxito como projeto arquitetônico, mas falhou como programa popular e igualitário. Mesmo Sérgio San, acérrimo defensor de Brasília, acaba por reconhecer a dada altura: “Nosso sonho de projetar habitação popular digno naufragou” (HATOUM, 2019, p. 192).

Pontos de fuga começa e acaba com uma citação de Wallace Stevens tirada do poema épico *The Man with the Blue Guitar* (STEVENS, 2011, p. 148-149, tradução nossa): “O sonho dessa geração, aviltado / Na lama, na luz suja da segunda-feira”.

Martim traduz esta poesia para a revista Tribo. Mas essa tribo já não existe; resta apenas o violão azul que acompanhará Martim na sua rota de fuga até o exílio em Paris. Assim Milton Hatoum falou numa entrevista (ROGERS, 2014); “Nos últimos anos venho trabalhando num novo romance [...] É a história de um grupo de jovens da minha geração entre 1968 e 1980 que se passa em Brasília, São Paulo e Paris – uma história sobre exílio e desilusão”.

Em meados dos anos vinte, Gertrude Stein levou o seu velho Ford para uma garagem em Paris. Quando um jovem mecânico não conseguiu reparar o carro com rapidez, o garagista gritou para o menino: “Vocês são todos uma geração perdida” (HEMINGWAY, 2010, p. 61). Esta anedota deu um nome e uma identidade a um grupo de escritores surgidos durante a Primeira Guerra Mundial. Nas últimas obras, Milton Hatoum narra a história de uma outra geração perdida, a dos anos 70 no Brasil – cheia de projetos e ambições. Pouco a pouco, esta geração vai perdendo sonhos e ilusões para naufragar no “eterno ditirambo do Brasil: violência, sofrimento, promessas, imposturas” (HATOUM, 2019, p. 309).

Referências

- AINSA, Fernando. **Palabras nómadas**: nueva cartografía de la pertenencia. Frankfurt am Main: Vervuert, 2017.
- BEAL, Sophia. **Brazil under construction**: fiction and public works. New York: Palgrave Macmillan, 2013.
- BENSE, Max. **Inteligência brasileira**: uma reflexão cartesiana. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.
- BOTTON, Alan de. **A arquitetura da felicidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- BRÉGAIN, Gildas. **Syriens et libanais d’Amérique du Sud (1918-1945)**. Paris: L’Harmattan, 2008.
- HATOUM, Milton; NUNES, Benedito. **Crônica de duas cidades**: Belém e Manaus. Belém: Secult, 2006.

- HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- HATOUM, Milton. **A cidade ilhada**: contos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- HATOUM, Milton. **Um solitário à espreita**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- HATOUM, Milton. **Noite da espera**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- HATOUM, Milton. **Pontos de fuga**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- HEMINGWAY, Ernest. **A moveable feast**. London: Arrow Books, 2010.
- HOLSTON, James. **A cidade modernista**: uma crítica de Brasília e sua utopia. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- RAMA, Angel. **Cidade das letras**. Tradução Emir Sader. São Paulo: Boitempo, 2015.
- ROGERS, Charlotte. The Lost Cities of the Amazon: a conversation with Milton Hatoum. **World Literature Today**, Norman, v. 88, n. 5, p. 34-37, Sept./Oct. 2014.
- STEVENS, Wallace. **Hellwach, am rande des schlafs**. Aus dem Amerikanischen von Hans Magnus Enzensberger. München: Hanser, 2011.
- WEISS, Jason. **The lights of home**: a century of Latin American Writers in Paris. New York: Routledge, 2003.